



Boletim

Instituto de Formação Bancária de Moçambique

Número 2 / 3 - Série II

Março de 2010

FICHA TÉCNICA

DIRECÇÃO

Dr. Aurélio Rocha

EDIÇÃO

Luís Tenório

APOIO TÉCNICO

Elisa Paula Manguleze

SUMÁRIO

O IFBM 1

Actividades a realizar no 1º semestre de 2010 1

Entrevista 2

E-learning - Notícias 4

Novo Curso - Procurement 4

O IFBM - Uma Escola de Formação Profissional 5

Cooperação 6

O IFBM

O Instituto de Formação Bancária de Moçambique (IFBM) é uma instituição vocacionada para a formação da população bancária moçambicana nas áreas bancária e financeira.

No momento em que ocorreu, a criação do IFBM (1994) justificou-se perfeitamente pela necessidade de racionalizar os recursos das instituições bancárias e também para apoiar os bancos e a população bancária a enfrentar as modificações e os desafios que, já se previa, iriam inevitavelmente afectar o sistema financeiro moçambicano.

No início da década de 1990 reforçava-se a vertente

comercial da banca moçambicana e perspectivava-se já a sua privatização e a constituição de novos bancos com uma significativa participação de capitais estrangeiros.

O país preparava-se assim para entrar num acentuado clima de concorrência, a que o dinamismo do sector bancário dava o mote, para o qual era necessário preparar pessoas, isto é apostar numa maior qualificação de recursos humanos.

Esse foi um dos maiores desafios do IFBM, se se tiver em conta que, em termos dimensionais, a população bancária moçambicana era em sua grande maioria ainda composta por pessoas de baixa

qualificação tanto técnica como académica. Esta questão foi, por isso, decisiva para que o IFBM pensasse, desde logo, adicionar à vertente da formação técnica uma formação de carácter geral. Foi esta linha de pensamento que levou as entidades bancárias moçambicanas, com o Banco de Moçambique à cabeça, a amadurecerem a ideia de criação de um dispositivo de formação capaz de responder a desafios maiores que já então se colocavam: ou seja, dispor de uma oferta de formação adaptada a uma maior diversidade de necessidades e de exigências. Nasceu assim o Instituto de Formação Bancária de Moçambique, oficialmente constituído em 25/05/1994.

Actividades a realizar no 1º semestre de 2010

CURSOS

Formação Geral

Curso de Candidatos à Profissão Bancária

Curso Geral Bancário

Formação à Distância

Curso de Formação Técnica Bancária

Atendimento e Acolhimento de Clientes ao Telefone (E-learning)

Noções Gerais de Crédito Bancário (E-learning)

Formação Específica

Implementação de um Sistema de Gestão da Qualidade

Implementação de um Sistema de Gestão Ambiental

Auditores Internos da Qualidade

Auditores Internos do Ambiente

Qualidade nos Serviços

Operações do Comércio Internacional

Normas Internacionais de Contabilidade (IAS/IFRS)

Mercado Imobiliário

Curso Prático de Tesoureiros

Curso de Caixas

Procurement

Gestão de Serviços de Apoio ao Cliente

Liderança, Negociação e Dinâmica de Equipas

Secretariado

SEMINÁRIOS

A Relação Empresa - Banca (PME's)

A Banca e o Desenvolvimento Económico em Moçambique

Papel e Funções dos Mercados Financeiros na Economia de Moçambique Hoje Junho

Janeiro - Novembro
Fevereiro - Outubro

Janeiro - Julho
Abril-Junho
Abril-Junho

Abril
Abril

Maio
Maio
Junho
Abril
Abril/Maio
Maio
Abril/Maio
Abril/Maio
Maio
Maio
Maio/Junho
Abril/Maio

Maio
Maio





Perspectivas para a Banca em Moçambique



Entrevista concedida pelo Director Geral do IFBM, à revista "Interface Banca & Seguros"

"Os bancos devem apostar em duas áreas estratégicas e que se complementam: as tecnologias, onde os investimentos são já significativos e as pessoas, área em que é preciso investir mais e melhor em termos de formação e qualificação"

P: Desde a sua criação, em 1994, até aos dias de hoje, o Instituto de Formação Bancária de Moçambique (IFBM) tem conseguido atingir os objectivos a que se propôs e a colmatar as necessidades do mercado bancário / financeiro em Moçambique?

A.R.: Desde a sua fundação, em 25 de Maio de 1994, o IFBM não só atingiu os objectivos a que se propôs como até excedeu todas as expectativas. Nos primeiros cinco anos preparamos tecnicamente para cima de dois mil empregados bancários, cujos reflexos se vieram a fazer sentir na fase mais problemática do sistema financeiro moçambicano: a transição para a privatização, a abertura a novas instituições financeiras e à introdução de novas tecnologias. Foi basicamente com esses quadros nacionais e alguns estrangeiros, entretanto chegados com as novas instituições, que se fez a tão desejada transição. É evidente que colmatamos as grandes necessidades do mercado bancário, sobretudo ao nível de quadros médios de que o País e o sistema eram carentes. Disso beneficiaram também outros sectores, pois recebemos nos nossos cursos, e preparamos também, pessoas oriundas de outros sectores de actividades, nomeadamente de empresas públicas e de médias e pequenas empresas.

P: Que desafios e exigências se colocam aos profissionais bancários em Moçambique? E, nesse sentido, a quem os forma?

A.R.: É hoje muito claro, e sobretudo pela cada vez maior dependência da inovação tecnológica, que o grande factor de competitividade e de excelência no sector de serviços é o factor humano. Assim, mantém-se elevada a importância da formação profissional dos empregados bancários. Para os bancos, é crucial o investimento no factor humano, dotando os seus quadros de níveis adequados de preparação e formação profissional, para que possam tirar partido dos recursos que vão sendo obrigados a investir em novas e mais sofisticadas tecnologias. Quanto ao IFBM, a aposta está em ousar desenvolver programas de formação, envolvendo o máximo número de pessoas, em acções de formação técnica e operacional de base e de formação de quadros de topo. Nessa linha, estamos em condições de apresentar propostas de formação específicas, já em 2008, nomeadamente na área dos mercados financeiros, nas IAS's e IFRS's e nas metodologias de gestão do risco de crédito. No domínio da formação académica, foi criada a Licenciatura em Gestão Financeira e Bancária,

uma parceria entre o IFBM e uma instituição universitária nacional (a Universidade Politécnica de Moçambique), concretizando-se desse modo a ligação universidade-empresa. Uma aposta segura é a formação para jovens, ilustrada com a consolidação do Curso de Candidatos à Profissão Bancária, que vai já no seu 18º ciclo, e que tem sido uma fonte de recrutamento importante, tanto por parte dos bancos como pelas empresas e instituições de outros sectores de actividades.

P: Em 2006, o sector bancário em Moçambique ainda se debatia com um grave problema de desregulamentação, o que dificultaria a própria formação de profissionais na área. Neste momento, como se encontra a situação?

A.R.: Assim tem sido, de facto. A transição, que referi anteriormente, não está terminada. As mudanças ocorrem a todo o momento, tanto ao nível da legislação/regulamentação como nas próprias instituições. A Lei das Instituições de Crédito de 1999 foi alvo de profundas alterações introduzidas pela Lei Nº. 9 de 21 de Julho de 2004. No que respeita às instituições, nos últimos anos as mudanças foram também significativas: o BCI fundiu-se com o Fomento dando origem ao BCI Fomento; o Banco

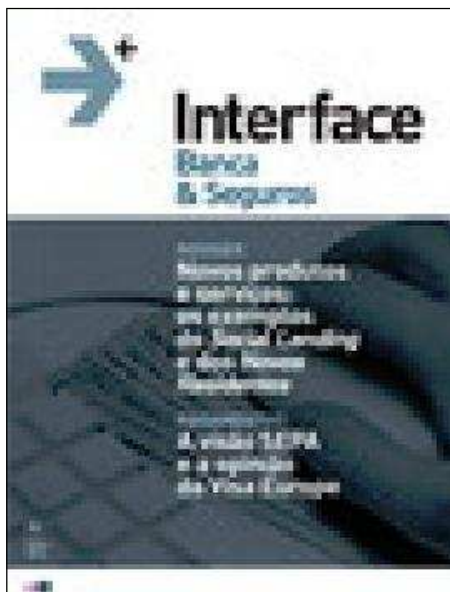
(Continuação da Entrevista do Prof. Aurélio Rocha)

Austral, que era controlado pelo grupo ABSA sul-africano, é desde o ano findo, o Barclays Bank; o BDC tornou-se em 2007 no First Nacional Bank Moçambique. No BCIFomento, com forte ligação à CGD portuguesa, verificou-se, já no final de 2007, uma alteração na estrutura accionista e a entrada de um novo grupo moçambicano. Entretanto, apareceram novos bancos ainda de pequena expressão, mas que vêm certamente estimular a concorrência no sector. É evidente que, com tamanhas e constantes mudanças no sistema financeiro, a vertente que mais se ressentiu é a formação, que ocupa ainda, obviamente, um lugar bem modesto na hierarquia das prioridades das instituições, a braços com outros complexos e variados problemas. Mas, também é verdade que o sistema bancário moçambicano cresceu desde 1992, existindo hoje cerca de 20 instituições de crédito, nomeadamente bancos comerciais, grande parte deles com participação estrangeira. Esta diversificação é importante, surtindo necessariamente efeitos positivos na expansão da rede bancária, permitindo ao mesmo tempo uma diversificação e actualização dos produtos e serviços financeiros prestados à economia, em resultado da melhoria dos serviços possibilitada pelo recurso às novas tecnologias.

P: Que outras necessidades básicas ainda não foram colmatadas pelo sector e pelos seus profissionais e que, no seu entender, têm de ter medidas urgentes?

A.R.: Apesar do crescimento do sistema bancário que mencionei, a verdade é que ele é ainda caracterizado pela sua natureza subdesenvolvida. Vivemos numa economia ainda pouco monetarizada, embora em crescimento. Se comparado com outros países da região onde estamos inseridos, salta à vista o nosso fraco nível de bancarização, com uma excessiva concentração dos bancos nas cidades. É preciso dar esse salto, estendendo as instituições financeiras formais aos distritos e áreas rurais, com vista a impulsionar aí a actividade bancária, de uma forma equilibrada. Acompanhada, obviamente, pela regulamentação necessária de forma a reduzir ao máximo riscos no

sistema nacional de pagamentos, que até funciona segundo padrões internacionalmente aceites. Os bancos devem apostar em duas áreas estratégicas e que se complementam: as tecnologias, onde os investimentos são já significativos e as pessoas, área em que é preciso investir mais e melhor em termos de formação e qualificação. O IFBM tem aí um papel fundamental com o seu programa de actividades nucleares, incluindo o ensino à distância, ao qual os bancos devem recorrer mais. O IFBM vai continuar a proporcionar ofertas de formação em várias áreas



temáticas e modalidades de formação, sempre na perspectiva de actualização, procurando ajustá-las às necessidades e circunstâncias de cada instituição. Na actual situação, considero inevitável o papel estratégico, a premência e a relevância da formação feita em local próprio - no IFBM - para a valorização dos trabalhadores bancários e dos próprios bancos.

P.: Os novos profissionais bancários moçambicanos, são capazes de concorrer com os demais colegas estrangeiros?

A.R.: Creio que sim. O nosso sistema financeiro já está dotado de um número significativo de trabalhadores com média e alta qualificação que podem concorrer com trabalhadores estrangeiros de instituições congéneres. Grande parte dos trabalhadores bancários são jovens e cerca de 30 por cento dos colaboradores têm formação universitária. Disso dá prova os

muitos bancários moçambicanos que têm prestações de alta qualidade quando frequentam cursos em instituições estrangeiras, algumas com estreita colaboração com o IFBM, como é o caso do Instituto de Formação Bancária de Portugal. Mas, é evidente que é preciso continuar a trabalhar no sentido de qualificar cada vez mais pessoas na banca. Só investindo mais na formação se irá responder aos desafios que hoje os bancos enfrentam, sobretudo agora que caminhamos para a inevitável integração regional.

P.: E existe mercado para os recém-formados?

A.R.: Como já referi, é baixo o nível de bancarização, o que dificulta a absorção de muitos jovens em busca do primeiro emprego, tenham ou não formação superior. Os bancos nem sempre estão interessados no recrutamento de novos empregados, ou melhor, de pessoas sem experiência, ainda que com formação académica. Assim, foi, há alguns anos, instituída uma prática pouco feliz, e com custos para todos, por parte dos bancos: concorrem entre si pelos mesmos empregados, procurando cada um recrutar nas outras instituições quadros já experientes, reduzindo desse modo os custos com a formação de pessoas com menos experiência. Mas, com a expansão que se espera da rede bancária, não só com o aparecimento de novas instituições financeiras, como também pela bancarização dos distritos e das zonas rurais, existe um certo optimismo quanto à possibilidade de emprego para os recém-formados. O papel e a experiência do IFBM na formação de jovens com formação académica média deixa-nos moderadamente optimistas, porque nos últimos cinco anos tem sido uma importante fonte de recrutamento pelos bancos e outras empresas. Dos cerca de mil jovens que passaram pela formação de candidatos e de iniciação no IFBM, mais de 60 por cento estão hoje empregados. A abertura de microbancos, instituições que têm por objecto principal o exercício de actividades bancárias restritas, e que se têm vindo a instalar em zonas onde a banca formal não chega, é também já uma forma de absorção de jovens que têm beneficiado da preparação e formação que o IFBM possibilita.

e-learning — Notícias



*Tendo em consideração de que para ensinar, é necessário aprender primeiro, alguns colaboradores do IFBM ligados ao ensino à distância com apoio tecnológico (em linguagem simplificada: **e-learning**) participaram num curso subordinado ao tema: Formação de e-Formadores Moodle, leccionado utilizando este método.*

A Ed-Rom, - Produção de Conteúdos Multimédia, empresa portuguesa com quem o IFBM colabora há alguns anos, proporcionou-nos a frequência deste curso, durante uma estadia que o seu Director Geral, Dr. António Vilela, fez a Moçambique no início do

corrente ano. O curso foi frequentado por várias pessoas de nacionalidade portuguesa, interessadas no tema, e por seis funcionários ou colaboradores do IFBM. O curso decorreu de 1 de Fevereiro a 2 de Março tendo servido para além de capacitar os formandos nas matérias pertinentes, para estabelecer contactos intercontinentais on-line entre pessoas de culturas diferentes mas com preocupações semelhantes. O curso constava de uma pequena parte teórica sobre e-learning e explicativa das funcionalidades do Moodle, plataforma informática que o IFBM utiliza e de que a ED-ROM é "partner" para Portugal. Passou-se de seguida a trabalhos em grupo, sendo então que se estabeleceram as mais profícuas relações com os nossos colegas portugueses. Esta fase prática consistiu na elaboração de conteúdos diversos utilizando os recursos que a plataforma prevê. Passou-se então à elaboração de um curso completo por cada um dos grupos que se formaram. Para se ter uma

ideia das possibilidades do e-learning e da criatividade dos formandos, os cursos criados foram sobre:

- Sismologia
- Formação Pedagógica Inicial de Formadores
- Como contar histórias a crianças
- Navegar à vela em embarcação miúda

Curiosamente, em todos os grupos, houve a inclusão de pelo menos um "moçambicano".

Ao longo do curso houve várias vídeo-conferências que serviram para esclarecer dúvidas ou trocar opiniões entre os participantes.

Uma última palavra para a proficiência da monitora do curso sempre disponível e cooperante, a Dra. Susana Dias e que para além de tudo o já exposto, mostrou ter uma boa presença vídeo. Valeu a pena!

E
-
L
E
A
R
N
I
N
G

O nosso Novo Curso - "Procurement"

O IFBM decidiu lançar um novo curso, de uma matéria não especificamente direccionada para as instituições financeiras, o **Curso Geral de Procurement**.

Esta decisão baseou-se no facto de várias entidades terem manifestado interesse em proporcionar aos seus quadros formação específica nesta área e ter sido possível encontrar pessoas com larga experiência em *procurement* e com disponibilidade para colaborar com o Instituto.

O carácter generalista do curso faz com que ele se dirija a todos os que estejam, ou pretendam vir a estar, envolvidos na actividade de *procurement*, quer no sector privado, quer no sector público. Chamamos no entanto a

atenção de eventuais interessados que este curso não é sobre o diploma que regulamenta o *procurement* do sector público.

As definições de *procurement* são inúmeras e variadas, indo das mais abrangentes, que englobam todo o relacionamento entre comprador e fornecedor, desde a fase de definição de estratégia até ao armazenamento e gestão dos *stocks*, às que restringem o *procurement* à fase da aquisição.

na **quantidade** adequadas, ao melhor **preço**, no **local** e **momento** certos, com o mínimo de **risco**, normalmente através de um contrato".

Esta formação pretende dar bases teórico-práticas e éticas que permitam aos quadros não só ter uma visão e compreensão global da sua actividade, e da importância que ela tem para a organização, mas também proporcionar o contacto e a aprendizagem de

algumas técnicas e metodologias que permitam desenvolver o seu trabalho de forma mais consciente, efectiva e eficiente.

O curso está previsto para ter o seu início no 2º trimestre deste ano e em princípio será em horário pós-laboral.



O âmbito do curso ao *procurement* definido como "o processo de aquisição de produtos, obras ou serviços, com a **qualidade** e

O IFBM: UMA ESCOLA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O Instituto de Formação Bancária de Moçambique (IFBM) é uma instituição que actua no domínio da formação profissional no âmbito da actividade bancária. É de assinalar o momento de grandes transformações que o sistema financeiro moçambicano tem vivido nos últimos dez anos. Este ritmo de mudança que tem vindo a ser imposto à actividade financeira não vai de certo abrandar nos próximos anos. Acompanhar estas e outras mudanças e contribuir para elas através da formação é o lema do IFBM.

A experiência iniciada pelo IFBM, levando a formação a todo o país, abriu boas perspectivas para o sucesso da formação bancária. O seu contributo tem sido orientado no sentido da atenuação das carências que ainda persistem no sector bancário, proporcionando aos bancos mais qualidade e maior preparação para enfrentar a competitividade. Esta formação faz-se a diferentes níveis: um primeiro nível de formação geral destinada a preparar candidatos ao desempenho de funções na banca/empresa e um segundo nível com incidência no aperfeiçoamento, aprofundamento e especialização de quadros e chefias intermédias, sempre numa perspectiva de actualização. Um terceiro nível, dirigido sobretudo à formação de técnicos superiores, foi introduzido em 2005 com a instituição de uma Licenciatura em Gestão Financeira e Bancária, a funcionar em parceria com a Universidade Politécnica de Moçambique.

Nos quinze anos que já leva de existência, passaram pelo IFBM mais de 6 mil trabalhadores oriundos de uma diversidade de empresas e instituições, de distintos sectores de actividade, frequentando vários cursos. Além disso, sublinha-se a passagem, desde o ano 2000, de cerca de 2 mil jovens em busca de formação com vista à obtenção de emprego. Destes jovens, devidamente certificados, cerca de 70 por cento conseguiram emprego numa qualquer empresa ou instituição; um pequeno número deles criou mesmo o seu próprio negócio.

Toda esta experiência vivida pelo IFBM foi proporcionando pistas de reflexão que permitiram considerar um

conjunto de ajustamentos necessários e mais consentâneos com as necessidades das instituições a quem a formação se destinava e com a situação particular de cada uma delas. O confronto de ideias e vivências diferentes e a troca de experiências, sobretudo com as instituições bancárias moçambicanas, têm sido e vão continuar a ser as vias mais eficazes que o IFBM trilha e o melhor contributo para o acompanhamento das mudanças que vão inevitavelmente continuar a ocorrer.

Como acontece em qualquer outro país onde a concorrência e as novas tecnologias são factores de dinamização económica, também a política de formação técnico-profissional deve ser factor de enquadramento determinante para o futuro de Moçambique.

A formação, e em especial a formação técnica e profissional, deve ser encarada como a via mais segura para recuperar o atraso social que ainda caracteriza os distintos sectores de trabalho entre nós. O sucesso de qualquer empreendimento está sempre condicionado a uma boa formação profissional.

Hoje, é de toda a justeza que se diga, existe mais sensibilidade do que há dez anos atrás para a questão da valorização dos recursos humanos, tanto da parte de empresários e gestores como da parte de trabalhadores. No entanto, a formação continua a aparecer como a última ou das últimas prioridades na estratégia das empresas e dos seus gestores.

Apesar do grande esforço já feito no domínio da formação, a competência e a formação profissional estão ainda longe de ser uma realidade entre a generalidade dos empregadores e gestores em Moçambique.

Ainda se nota do lado das instituições e empresas pouca disponibilidade para a formação dos seus colaboradores, por razões de todos conhecidas: umas vezes porque são custos que não se querem assumir, outras vezes por resistência das chefias em disponibilizar os seus colaboradores e outras ainda por falta de interesse e/ou disponibilidade dos próprios trabalhadores.

Do lado de gestores, chefias e

directões é ainda muito baixo o número daqueles que recorrem à formação profissional. É comum ouvir gestores e outros responsáveis de empresas e instituições referirem-se à formação como uma actividade que, embora tida por necessária, tem custos elevados. Do que eles não falam é de que a formação é um investimento nos recursos humanos e que por essa razão não deve ser apenas encarada como uma despesa mas sim como um factor que contribui para valorizar a empresa/instituição e aumentar a sua coesão e competitividade.

É evidente que a formação não se faz sem custos, e por vezes altos custos. Porém, é necessário que os gestores e accionistas das empresas e instituições sobreponham, de uma vez por todas, a formação como investimento, não quantificável como outro investimento material mas com efeito prático inegável a médio ou mesmo longo prazo, à reacção linear e estreita da formação como custo. Essa perspectiva será a única forma de conduzir com segurança não só à melhoria da qualificação dos recursos humanos nas empresas, sejam elas públicas ou privadas, sejam elas do sector financeiro, de serviços, ou de qualquer outro sector da economia, como, seguramente à melhoria da qualidade dos serviços prestados e, consequentemente, ao aumento da produtividade.

Só com um maior esforço de concentração de investimento em formação e qualificação profissional se conseguirá recuperar do atraso que nos distingue de outros países da região, devido ao insuficiente esforço acumulado nas décadas anteriores na criação de competências humanas.

A capacidade de inovação de um país mede-se pelo nível de qualificação dos seus recursos humanos, o que deve levar-nos a encarar com maior atenção uma estratégia de investimentos na formação e na educação. Isto passa pela criação de uma atitude de responsabilização social das empresas e instituições, incentivando-as a participar activamente de forma equilibrada na modernização (novas tecnologias, novos produtos) e na valorização das qualificações dos seus trabalhadores.



Instituto de Formação Bancária de Moçambique

Av. 25 de Setembro,
Nº 1123 (Prédio Cardoso), 12º andar
Maputo
Moçambique

Telefone: (00) (258) 2143093 / 4
Fax: (00) (258) 21428917
E-mails: a.rocha@ifbm.org.mz
webmaster@ifbm.org.mz
Página na Internet: <http://www.ifbm.org.mz>

**Apoiar a formação profissional
dos trabalhadores
moçambicanos**

A Nossa Visão

- Elevar os padrões de execução dos quadros e empregados do sector bancário e financeiro;
- Qualificar os jovens para uma carreira bem sucedida na Banca e em outros sectores da economia;
- Levar a formação a todo o território nacional, não só através dos métodos e modalidades clássicas de ensino, mas também, e sobretudo, oferecendo sistemas modernos de formação pelo recurso às novas tecnologias, nomeadamente o *e-learning*.

A nossa Missão

- O IFBM tem por missão o reforço da cultura profissional bancária e, através da qualificação dos recursos humanos, o apoio ao desenvolvimento do sector financeiro moçambicano.

COOPERAÇÃO

O IFBM mantém cooperação com diversas instituições, quer no País quer no estrangeiro, a saber:

Em Moçambique - Associação Moçambicana de Bancos, Banco de Moçambique, Banco Comercial e de Investimentos, Barclays Bank Moçambique, BDO Binder Moçambique, Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa, Millennium BIM, Standard Bank, Universidade Politécnica, SGS

Desde a sua fundação, em 1994, o IFBM procurou estabelecer acordos de cooperação e parceria com instituições congéneres, não só nacionais como também estrangeiras. Com efeito, logo em 1994, foi estabelecido um esquema de cooperação com o Instituto de Formação Bancária de Portugal (IFB).

Depois de 1995, a nossa cooperação com outras instituições passou a desenvolver-se com maior abrangência, de modo a responder às mudanças económico-financeiras ocorridas no país, nomeadamente a criação de uma banca comercial actuante, consentânea com a economia de mercado que se estava a implantar. Foi assim que, em paralelo com acções de formação conjuntas com o IFB português, o IFBM e outros institutos bancários africanos, fundaram, em Fevereiro de 1997, em Johannesburg, a *Alliance of African Institutes of Bankers* (AAIOB), cujo objecto é coordenar e desenvolver a profissão bancária em África, através das suas organizações associadas, provendo padrões internacionalmente aceites de competência e conduta.

São membros fundadores da AAIOB, além do IFBM, o *Institute of Bankers in South Africa*, o *Botswana Institute of Bankers*, o *Kenya Institute of Bankers*, o *Chartered Institute of Bankers of Nigeria*, o *Tanzania Institute of Bankers*, o *Uganda Institute of Bankers*, o *Zimbabwe Institute of Bankers* e o *Zambia Institute of Bankers*. Entre os novos membros destacam-se os institutos da Namíbia, do Malawi, da Ilha Maurícia e do Ghana.

No âmbito da AAIOB, o IFBM mantém, especialmente a nível regional, relações de cooperação nos domínios da formação e consultoria. Desta cooperação, que conta com a participação das instituições de formação bancária destes países, resultou já a constituição de um programa comum de formação de quadros bancários com carácter de especialização, um currículo harmonizado, que em breve entrará em funcionamento, no âmbito do processo de integração regional, que permitirá a mobilidade de quadros bancários entre os países subscritores. Este programa foi

revisto e confirmado no último encontro da AAIOB, realizado em Accra (Ghana) em 2009. O currículo harmonizado, a ser introduzido brevemente em Moçambique pelo IFBM, após aprovação dos agentes do Sistema Financeiro Moçambicano, tem dois ciclos: o *Banking Certificate* (Certificado Bancária), de uma no, e o *Banking Diploma* (Diploma Bancário), de dois anos.

No 1º ciclo constam as disciplinas de Fundamentos de Banco, Princípios de Direito, Contabilidade, Economia e Princípios de Gestão. O 2º ciclo é composto pelas seguintes disciplinas: Contabilidade Financeira, Sistema Monetário e Financeiro, Operações de Comércio Internacional, Direito Bancário, Crédito, Práticas de Gestão e Gestão Estratégica de Marketing. Um relato mais desenvolvido pode ser apreciado no Programa de Actividades do IFBM para o ano de 2010.

Ainda ao nível da AAIOB, estão em estudo e preparação outras acções de cooperação no domínio da formação profissional bancária.